

## PORTUGAIS

---

*Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « Nasci numa pequena cidade... » à « ...está a caçar. »*

### O Gato e o Novelo<sup>s</sup>

Sou um escritor africano de raça branca. Este seria o primeiro traço de uma apresentação de mim mesmo. Escolho estas condições – a de africano e de descendente de europeus – para definir logo à partida a condição de potencial conflito de culturas que transporto. Que se vai « resolvendo » por mestiçagens sucessivas, assimilações e trocas permanentes. Como outros brancos nascidos e criados em África, sou um ser de fronteira. Como todos os passadores de fronteira, aprendi a contornar as imposições dos polícias da identidade. Não os confronto, faço-me de morto, exilo-me para outra lógica. Dou-me bem com essa dualidade, sou um impuro que descobre nessa sujidade a sua primeira fonte de aprendizagem.

Para melhor sublinhar a minha condição periférica, eu deveria acrescentar : sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa. Porque o idioma estabelece o meu território preferencial de mestiçagem, o lugar de reinvenção de mim. Necessito inscrever na língua do meu lado português a marca da minha individualidade africana. Necessito tecer um tecido africano e só o sei fazer usando panos e linhas europeias. O gesto de bordar me ensina que estou inventando numa outra ordem e, nessa ordem, esses valores iniciais de nacionalidade já pouco importam.

Nasci numa pequena cidade onde a racionalidade colonial foi incapaz de fazer assento. Os bairros brancos não lograram demarcar-se dos bairros negros e a minha infância teve um pé na casa e outro no mundo. Os jogos, a iniciação do universo chegavam-me em duas línguas, duas culturas. Cabia a tarefa de construir, dentro de mim, pontes, linhas de costura entre esses dois sistemas de conhecimento.

A minha aposta – se é que tenho alguma aposta – é recriar esse momento mágico em que, ainda menino, escutava os contadores de estórias nos subúrbios negros de minha cidade. A meu lado estava João Joãoquinho, meu primeiro amigo. Durante a narração, havia uma magia que nos roubava do mundo e eu e ele vagueávamos fabulosos, levitando por lugares que a religiosidade daqueles encontros construía. Não sou mais que isso: um contador de estórias trabalhando na tentativa de recriar essa magia. No resto, sou um biólogo, tentando introduzir suspeitas poéticas nas certezas científicas. O que eu faço, enquanto escritor, queria

muito conservar na esfera das coisas simples, tão simples que ninguém sabe explicar. A literatura eu a vejo com a deformação de um biólogo – simples ritual de aprendizagem de um animal caçador. O fascínio pelas histórias resulta dessa necessidade absoluta de brincar. Como todos os animais caçadores carecemos dessa aprendizagem ritualizada. Como um gato perante o novelo, assim estamos ante o texto que nos encanta. A literatura não será mais que isso: um novelo fazendo de conta que é um rato perante um gato que finge que está a caçar.

Mia COUTO, « Auto-retratos », *Jornal de letras*, 8 de Outubro de 1997.